

# **“O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento”?**

**Silvia Virginia Coutinho Areosa<sup>1</sup>**

## **Resumo**

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que foi desenvolvida entre os anos de 2002 e 2003 no município de Santa Cruz do Sul e que teve como objetivo verificar quais são as representações sociais de velhice que as pessoas acima de 60 anos possuem. Fizeram parte do estudo 150 idosos, e dentre estes, 20 foram entrevistados (10 homens e 10 mulheres), sendo que os resultados obtidos foram analisados através da técnica de Bardin (1988). Os entrevistados fazem parte de grupos de convivência para a Terceira Idade cadastrados na Prefeitura Municipal, bem como, de grupos existentes na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC direcionados a esta população. Nos resultados encontramos uma imagem positiva da velhice vista como um processo natural, porém a visão que as mulheres possuem dos homens de sua geração é negativa, para elas eles “são desleixados, não se cuidam e tornam-se inativos após a aposentadoria”.

**Palavras Chaves:** pesquisa, idosos, representações sociais

## **Abstract**

This article is a part of a research developed between 2002 and 2003 in the city of Santa Cruz do Sul in order to verify what are the social representations of the elderly for people over 60 years old. 150 elders took part on the study. 20 of them were interviewed (10 men and 10 women). The results obtained were analyzed through the Bardin's Technique (1988). The interviewed are part of acquaintance groups of elders enrolled on the city hall and also of groups from UNISC - University of Santa Cruz do Sul and directed to this population. The results show a positive image of elderly seem as a natural process, but the women's vision of the men of their age are negative, they say that men “are lazy, don't take care of themselves and become inactive after the retirement”.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Docente da UNISC.

**Keywords:** research, elders, social representations

## **Introdução**

Para Beauvoir (1990), seguindo a posição existencialista de Sartre, a noção de projeto de vida é fundamental para pensar a questão da subjetividade e do tempo. A autora afirma que os velhos continuam a se identificar com a imagem do que foram em sua juventude. Mesmo dizendo-se agora aposentados, continuam evocando lembranças, o que lhes garante a convicção de permanecerem imutáveis ao tempo, e que no entendimento da autora é sinônimo de segurança e afirmação pessoal.

Sabe-se que envelhecer difere de pessoa para pessoa, ou seja, existem vários fatores que influenciam no passar dos anos, tais como o tempo, a hereditariedade e o meio ambiente. A mídia também interfere na concepção da sociedade e influencia o idoso que passa a se comportar assim como é apresentado na mídia (MASCARO,1997).

Através dos séculos a visão sobre o idoso passou por várias modificações. A criação da Gerontologia para Sant'Anna (2000) não foi apenas a criação de um novo nome, mas sim a possibilidade de entender-se a velhice como um processo inerente a vida, onde não mais haveria a preocupação em se encontrar uma “cura” para o envelhecimento biológico.

Debert (1994) salienta que o novo enfoque dado à questão do envelhecimento tende a transformar essa experiência em algo radicalmente diferente para homens e mulheres.

Hoje em dia, circulam várias visões de velhice entre as pessoas, e um dos conceitos mais comuns e errôneos é o do idoso visto como um ser triste e doente. Na sociedade capitalista, com a associação entre a aposentadoria e a velhice, esta passa a ser associada à inutilidade, à dependência e à pobreza.

Mas como será que o idoso se sente, como ele percebe o seu envelhecimento?

## **Metodologia**

A coleta de dados foi realizada nos grupos de convivência para Terceira Idade cadastrados junto à Prefeitura Municipal e à UNISC (grupos de dança e hidroginástica).

Através de uma amostra espontânea, em dois momentos: um inicial quantitativo que buscou através do questionário traçar um perfil deste idoso, e outro qualitativo, que visou verificar quais são as representações que estes possuem. Foram aplicados 150 questionários em idosos com mais de 60 anos e, após, selecionadas 20 pessoas para serem entrevistadas, 10 de cada sexo.

Foram realizadas entrevistas piloto com idosos participantes do grupo de obesos do Serviço Integrado de Saúde (SIS) / UNISC para a adequação deste instrumento. As entrevistas semi-estruturadas foram registradas com o uso de um gravador, com a devida autorização dos entrevistados (termo de consentimento livre e esclarecido). Posteriormente, estas entrevistas foram transcritas e passaram pela análise de conteúdo, segundo o método de Bardin (1988). As categorias foram analisadas com base no referencial teórico da pesquisa e este é o material que ora apresentamos neste artigo.

Dos pesquisados, 47% são responsáveis pelo sustento dos familiares e 90% moram em residência própria. É importante destacar também que, nesta pesquisa, 53% dos homens e 50% das mulheres aposentaram-se entre 51 e 60 anos, e 30% das mulheres não se aposentaram, sendo que nenhum homem indicou esta opção. Outro dado significativo aponta que 47% dos homens são responsáveis pelo seu sustento e/ou de outros (apenas seis por cento (6%) das mulheres encontram-se nessa categoria); 28% das mulheres não trabalham nem são aposentadas e recebem ajuda de outros; 36% das mulheres e 29% dos homens são aposentados e se mantêm sozinhos.

### **Analisando os resultados:**

#### **Percepção das mulheres em relação aos homens**

Debert (apud BARROS, 1998), diz que existem diferenças sobre como a aposentadoria é sentida por homens e mulheres. Os estudos mostram a predominância da idéia de que o homem possui maior dificuldade de adaptação neste período. Os homens teriam estabelecido suas relações mais significativas no espaço público e no mundo do trabalho ao longo de suas vidas, tendo maior dificuldade de adaptar-se à mudança (aposentadoria), que implica passar um tempo maior em casa. As mulheres, por sua vez, desempenhariam outros papéis sociais significativos, além do papel de

trabalhadoras, considerando sua especial ligação com o núcleo familiar e o espaço privado do lar e, não encontrariam tanta dificuldade para se adaptarem às transformações advindas da aposentadoria.

Pôde-se observar neste estudo, que a visão das mulheres idosas em relação ao envelhecimento dos homens é negativa. Para grande parte das mulheres entrevistadas, o homem envelhece rápido, não se cuida, é desleixado e fica inativo após a aposentadoria. Segundo uma das idosas entrevistadas, os homens “(...) são uns relaxados, não são caprichosos (...) quando chegam nos 40, pra se autoafirmarem, pegam uma menina nova, eles não querem ser velhos, não se misturam (com as mulheres da mesma idade), mas são muito mais velhos” (EM2).

Mattos et al. (1998) em sua pesquisa sobre gênero com idosos de ambos os sexos, também constataram que uma das representações apresentadas pelas mulheres em relação aos homens, é a de que estes têm dificuldades de aceitar que estão envelhecendo, e por isso passam a se relacionar com mulheres muito mais jovens.

Outra visão que elas trazem é do homem que não se interessa pelas atividades da casa e pelos grupos de convivência para terceira idade. Cabe ressaltar que os grupos de convivência são basicamente femininos (92%), como foi visto em pesquisa feita por Areosa e Ohlweiller (2000) sobre o perfil de grupos de terceira idade no município de Santa Cruz do Sul.

Além disto, os homens após a aposentadoria passam mais tempo em casa, pois trocam a espaço público pelo privado, dedicando-se muitas vezes a atividades que antes não tinham tempo para se dedicar. Verificou-se nesta pesquisa que 56% dos homens tem como atividade preferida a leitura, 38% a prática de esportes enquanto as mulheres preferem participar dos grupos de convivência (38%) e 23% preferem passear e viajar.

A mulher idosa de hoje nasceu até o final da década de 30, e nesse período a participação dela em atividades fora do lar era muito rara, por isso, supõe-se que ela ficou preservada de muitas doenças que afetaram os homens, causando uma mortalidade maior nestes .(HERÉDIA apud STREY et al.,2000).

Como afirma Mattos (apud STREY et al., 2000), a mulher vive mais, possuindo também uma expectativa de vida maior. Bem como, o status de viuvez pertence majoritariamente às mulheres não apenas por viverem mais, mas também pelo fato de que

os homens, ao enviuvarem, logo arranjam uma nova companheira.

### **Percepção dos homens em relação a si mesmos**

Com relação à percepção dos homens sobre si, estes reforçam o pensamento das mulheres em relação a ter um envelhecimento mais acelerado que o delas, relatando que o homem idoso morre mais cedo, se entrega mais rápido, como pode ser observado na fala do (EH6): “parece que os homens morrem mais cedo (...).é que o homem vive muito fora de casa trabalhando 25-30 anos, então o homem quando se aposenta, ele vai tentar ficar mais em casa”. Apesar de ter a visão de que o homem permanece mais tempo em casa na sua velhice, alguns dos idosos referem não ser este o seu caso: “O homem se entrega mais rápido (...). O homem saía antes, fica mais em casa agora, que não é o meu caso” (EH8). Para Mattos et al. (1998), tanto os homens quanto as mulheres procuram diferenciar a sua experiência pessoal de velhice e a experiência vivida pelos idosos em geral.

Outra representação encontrada entre os entrevistados, aponta o idoso homem como “mais preguiçoso, mais atirado”, o que coincide com a visão das idosas. Isto talvez se deva ao fato de que o homem não participa das atividades domésticas, como cuidar da casa, por exemplo, por não considerar esse espaço como seu afinal, viveu a maior parte de sua vida trabalhando fora do lar e não preparou-se para o retorno após a aposentadoria. Isto torna o ambiente doméstico um espaço exclusivamente feminino. Conforme os autores, o homem tem uma certa tendência de “não fazer nada”, pois não aprendeu a desempenhar novas atividades.

Os idosos destacam a realização de atividades que dão prazer, como a leitura e as atividades sociais e esportivas, que agora conseguem desenvolver porque dispõem de mais tempo.

“Me ocupo com leitura. A gente gosta de fazer agora o que nunca fez, sentar o dia todo na frente da TV. Então a gente tem que se ocupar, não com aquela obrigação, tem que fazer, tem que cumprir horário” (EH6).

Tanto o envelhecimento da população de muitos países, como as modificações de conceitos e tratamentos frente a este, nos últimos anos, vêm suscitando o surgimento de novas abordagens ou conceituações teóricas acerca desta temática. Para Oliveira, Pasian e

Jacquemin (2001), existem pesquisas que salientam a existência de dois caminhos teóricos, onde um considera o envelhecimento como a fase de sabedoria, de maturidade e serenidade, enquanto que outro caminho conceitua o envelhecimento como etapa final da vida, a fase que antecede a morte. Este segundo caminho estaria de acordo com o que os idosos pesquisados trazem quando vêem o envelhecimento como um processo natural, uma etapa de suas vidas.

Os idosos entrevistados destacaram em seus discursos exatamente estas questões: “a gente vai passando pela vida, é como se termina” (EH10). Ou ainda, “é uma vida boa” (EH8), onde se procura a realização pessoal, fazendo o que se gosta, participando e indo a lugares em que se possa envelhecer com dignidade e respeito.

Segundo Felipe et al. (1999), envelhecer refere-se ao processo da vida que inicia com o nascimento e termina com a morte, dando a idéia de um processo contínuo e não apenas uma etapa.

As mudanças enfatizadas pelos idosos como decorrentes da Terceira Idade referem tanto a realização de atividades que não puderam ser exercidas até aquele momento, bem como o surgimento de limitações físicas, porém, não impeditivas de continuidade, ou início de atividades físicas.

Esta concepção corrobora com as considerações de que os idosos têm consciência de suas restrições físicas, no entanto, não são impedidos totalmente de realizar atividades, sejam elas motoras ou não. Pelo contrário, os idosos “vivenciam as diferentes e novas experiências, sem a preocupação exagerada com os preconceitos que a sociedade manifesta em relação aos seus corpos” (NERI e CACHIONI, 1999, p.130).

Percebe-se entre os idosos que há um entendimento de que com o envelhecimento diminuem as condições de saúde, como se pode observar nas seguintes falas:

“Muitas coisas que eu fazia, eu não consigo mais fazer, por causa da minha limitação física” (EH2).

“Teu físico não agüenta, não executa mais” (EH5).

“O físico da gente vai se definhando...” (EH10).

O fato das mudanças corporais se processarem rapidamente, conforme Motta (2002) gera um sentimento de brusquidão na autopercepção do envelhecimento. Porém, há sempre

partes do corpo que se mantém mais jovens e conservadas ou mais sadias do que outras, pois a velhice nunca é um fato total; ninguém se sente velho em todas as situações.

A velhice deve ser então considerada a partir de vários fatores: contexto cultural, social, político, econômico, da história pessoal, enfim, várias são as influências que interferem na vida das pessoas (MATTOS et al., 1998), inclusive as questões de gênero estão fortemente imbricadas.

Entre os idosos pesquisados, observou-se que seu entendimento acerca do que é ser velho perpassa por questões de atividade e de estilo de vida, ou seja, compreendem que enquanto realizarem atividades individuais, ou sociais poderão levar uma vida como qualquer outra pessoa, mesmo considerando suas limitações físicas oriundas do processo natural do envelhecimento. A velhice, desta forma, de acordo com os idosos, está muito mais atrelada a forma como o indivíduo vivencia seu cotidiano do que a outros fatores, como limitações físicas, idade, etc. Consideram que não existe uma idade específica para a pessoa ser denominada idosa, como é ressaltado por um dos entrevistados: “eu tenho 60 anos, tem muita gente que tem 40 e é velho, é idoso. Tem gente com 30 que não faz o que eu faço” (EH7).

O entendimento dos homens é muito semelhante às considerações de Neri e Cachioni (1999, p.121) acerca do modo de envelhecer, pois consideram que este “depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais”.

### **Percepção dos homens em relação às mulheres**

Observou-se entre os homens que estes percebem as mulheres como mais ativas, buscando realizar atividades sociais que antes não exerciam, enquanto os homens, acostumados a trabalhar fora, preferem permanecer maior tempo de sua Terceira Idade em casa.

Barros(1998), fala da inversão da atribuição de papéis que ocorre após a aposentadoria na ocupação dos espaços sociais, dizendo que se dá mais atenção ao homem velho, pois este passa do mundo público para o doméstico e, que a mulher continua sempre no mesmo universo, já que não teve uma vida profissional ativa.

“A mulher é mais ativa” (EH1).

“Antigamente, a mulher não saía de casa para trabalhar. A mulher que não saía tanto, então ela vai, entende, sair mais de casa para sair da rotina” (EH6).

Strey (2001) aponta a diferença de gênero e, refere que a maior parte dos trabalhos sem remuneração, recaem sobre as mulheres, que são secundarizadas no mercado de trabalho. Camarano (2002) diz que isso se deve aos baixos níveis de escolaridade e de inserção no mercado de trabalho.

Strey et al. (1997) salienta que as mulheres participam mais das atividades sociais quando comparadas aos homens, porque muitas delas, antes de entrarem na Terceira Idade, desempenhavam suas atividades quase exclusivamente no ambiente doméstico.

A questão de gênero observada nas entrevistas é também apontada por Debert (1994), esta destaca a distinção de significações, papéis sociais, valores e atitudes entre homens e mulheres. Segundo a autora, na Terceira Idade, tais elementos tenderiam a se misturar, caracterizando esta fase pela androgenia. Porém, as pesquisas atuais apontam que existem diferenças significativas influenciadas pelo gênero, e, portanto, a velhice não pode ser vista de maneira homogênea.

Alguns dos homens enfatizam que, embora a mulher viva mais que o homem, ela está mais propensa a doenças. Porém, a maneira com que cada um lida com a sua vida reflete no processo de envelhecimento. Herédia e Casara (2000) lembram que saúde na velhice não é ausência de doença, mas autonomia e independência. “Autonomia é o autodiscernimento. É a capacidade de decisão. Independência é não precisar de ajuda para fazer as coisas”(p.109). E segundo a visão dos homens, as mulheres idosas “estão sempre ativas e alegres”(EH8).

### **Percepção das mulheres em relação a si mesmas**

Quanto à percepção das mulheres idosas em relação a si mesmas, verificou-se que estas se consideram mais ativas e vaidosas que os homens, como se observa na fala da EM2: “(...) a mulher é vaidosa, ela pinta o cabelo, ela se cuida, vai no ginecologista (...)”.

Conforme Mattos (apud STREY et al., 2000), o envelhecimento do corpo é uma



problemática voltada para o feminino, pois se trata de uma questão de gênero ligada as questões sócio-econômicas. O fato de precisar encobrir os sinais de envelhecimento até com cirurgia plástica é uma imposição sócio-cultural que afeta muito mais as mulheres. Porém, parece também que as mulheres entrevistadas possuem uma melhor auto-estima, trazendo o aspecto positivo de se cuidarem e, ligando isto ao fato de serem mais ativas que os homens.

Teixeira, Schulze e Camargo (2002), em sua pesquisa a respeito das representações sociais sobre a saúde na velhice, trazem que as mulheres possuem a imagem de idoso saudável como aquele que é independente, pois mantém a capacidade de viajar, passear e cuidar do seu lar.

As idosas entrevistadas associam a maneira de viver com atividade social e atividade física. Destacam ainda que o lazer, o entretenimento e o cuidado com a alimentação podem prolongar a jovialidade.

“A gente tem bastante divertimento. Pra não ficar em casa, sempre tem uma coisa, a gente viaja, canta, dança” (EM3).

Conforme Herédia e Casara (2000) as opções de lazer vão variar de acordo com o sexo, a idade, a situação sócio-econômica, a aptidão física, os aspectos sócio-culturais, bem como, o ambiente em que se vive. As autoras salientam que, em sua pesquisa, encontraram uma alta incidência em assistir TV, ouvir rádio e ler, o que confere com os achados desta pesquisa e demonstra a grande influência dos meios de comunicação também nessa faixa etária. No entanto, percebe-se que é uma tendência mais masculina, pois a preferência das mulheres é por atividades mais ligadas a socialização, como participar dos grupos, dançar e passear.

Parece que, como refere Motta (apud MINAYO & COIMBRA, 2002, p.45-46), os idosos saem do “aprisionamento da 'natureza' socialmente (im)posta para – aí, sim! – usarem, ou pelo menos representarem, o corpo de maneira mais natural ou – até o ponto em que a cultura ocidental permita – menos fragmentada: andam, dançam, alegram-se”.

As idosas pensam no envelhecimento de forma positiva, como algo natural e que exige certa preparação. Apenas uma entrevistada traz como negativo o envelhecimento: “ficar triste” (EM6).

Com relação às mudanças que ocorrem na Terceira Idade, esta é referida pelas mulheres como uma fase de socialização, com a entrada nos grupos de convivência, onde podem aproveitar seu tempo livre. Outras entrevistadas destacaram ainda que não notaram mudanças, que ainda não sentiram a diferença. Algumas relataram que esta é a melhor fase de suas vidas, pois elas não têm mais preocupações e “se divertem muito mais”, como afirma a EM5: “Na terceira idade eu tenho me divertido mais que quando eu era nova e não tinha tempo para nada. Agora a gente tenta curtir a Terceira Idade (...)”. Assim, esta representação social da velhice é uma tendência das pesquisas atuais, onde os idosos apontam não apenas as perdas e as limitações, mas também os aspectos positivos dessa fase da vida, como a participação nos grupos, conforme apontam Veloz, Schulze e Camargo (1999), em seus estudos sobre esta temática.

A questão da velhice como algo cultural pode ser verificada na fala da entrevistada EM2: “Velho é a cabeça de cada um, porque velho pode ser uma pessoa de 12 anos”.

Segundo Herédia e Casara (2000), a velhice não pode ser associada apenas com as perdas, mas também com os ganhos, como a maturidade, experiência, sabedoria, liberdade de escolha, entre outros.

### **Considerações Finais**

Depois de concluído o estudo, vários pensamentos nos atravessam. A influência sócio-cultural e de gênero sobre o processo de envelhecimento pôde ser comprovada salientando a importância de estudos regionais sobre esta questão.

O fato dos homens idosos não permanecerem sozinhos e das idosas na sua maioria morarem sozinhas, ou com os filhos, também foi verificado através das representações sociais que as mulheres e os homens possuem sobre si.

Parece haver um consenso sobre a percepção das diferenças entre os homens e mulheres na Terceira Idade, onde as mulheres teriam uma maior longevidade, com uma maior participação nas atividades sociais, sendo ainda mais cuidadosas com sua saúde e mais vaidosas; e os homens seriam vistos como menos ativos, desleixados e com um envelhecimento mais acelerado. Isto reforça que a velhice não é uma etapa homogênea, mas permeada por várias influências, inclusive a de relações de gênero, não sendo a velhice

assexuada.

Conforme Santos e Belo (2000), pode-se observar uma mudança na representação da velhice e a formação de uma nova identidade do idoso, o que se opõe a um tradicional discurso de uma velhice passiva. Os idosos que participaram de nossa pesquisa, apontam para uma velhice ativa, com possibilidade de realização, reforçando a importância da autonomia e da independência.

O envelhecimento é tido por grande parte dos entrevistados, de ambos os sexos, como algo inerente ao curso natural da vida. Embora refiram a existência de algumas limitações físicas, a experiência desta fase dependerá do estilo de vida que a pessoa exerceu no passado e exerce no presente.

Para os pesquisados, o envelhecimento traz maturidade ao mesmo tempo em que obriga as pessoas a terem mais cuidado com o corpo e a saúde de forma geral. Entendem que, nesta fase, é possível se viver feliz e intensamente, podendo realizar agora desejos e sonhos que não foram até então atingidos.

Acreditam que o fato de não terem compromissos fixos e regras que possuíam enquanto estavam trabalhando, facilita a realização destes sonhos e projetos de vida. Sendo assim, a representação social que os idosos de nossa pesquisa trouxeram sobre a velhice é positiva, diferentemente do que o senso comum aponta.

## REFERÊNCIAS

AREOSA, S. V. C.; OHLWEILER, Z. C. O Idoso e os Grupos de Convivência no Município de Santa Cruz do Sul: dados de pesquisa. *REDES*, Santa Cruz do Sul, n.1, p. 179-187, jan./abr. 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARROS, Miriam M. L. (org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVIOR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO, Ana Amélia. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA, 2002. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 11 dez. 2002.

DEBERT, Guita G. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*, Porto Alegre, n.3, p.33-51, 1994.

DEBERT, Guita G. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: BARROS, Miriam M.L. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.49-68, 1998.

FELIPPE et al. Programa de preparação para a aposentadoria: uma política de desenvolvimento humano. *Interação*, Curitiba, v. 3, p.79-94, jan./dez. 1999.

HEREDIA, Olga C. Mulher e velhice demográfica. In: STREY, M. N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G.; WERBA, G. (Org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, p. 120-134, 2000.

HERÉDIA, V. B. M.; CASARA M. B. *Tempos vividos: identidade, memória e cultura do idoso*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

MASCARO, Sonia de Amorin. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MATTOS, Flora Maria Bojunga. Mulher e velhice: reflexões para o próximo século. In: STREY, M. N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G.; WERBA, G. (Org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Editora Unisinos, p.199-206, 2000.

MATTOS, F. B.; TRUCCOLO, A.; MEDEIROS, P. F. ; SILVA, C. E.; MELLO, D. C. Gênero e as percepções das pessoas na terceira idade. *Psico*, Porto Alegre, n°2, p.83-106, jul./dez.1998.

MOTTA, Aldo Britto. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C. E. A. (org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p.37-50, 2002.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L; DEBERT, G. G. (orgs). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, p.113-140, 1999.

OLIVEIRA, É. A.; PASIAN, S. R.; JACQUEMIN, A. A vivência afetiva em idosos. *Psicologia: ciência e profissão*, n.1, p.68-83, 2001.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. *O velho no espelho: um cidadão que envelheceu*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SANTOS, M. F. S.; BELO, I. Diferentes modelos de velhice. *Revista PSICO*, Porto Alegre, n.2, p.31-48, jul./dez., 2000.

STREY, M. N.; BRZEZINSKI, C. S.; BÜCKER, I.; ESCOBAR, R. C. Mulher, Gênero e Representações. In: STREY, Marlene N. (org.). *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: UNISINOS, p. 79-96, 1997.

STREY, Marlene N. A mulher, seu trabalho, sua família, seus conflitos. In: \_\_\_\_\_. *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, p. 60-75, 2001.

TEIXEIRA, M. C. T.; SCHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, n. 2, p. 479-501, 2002.

VELOZ, M. C. T.; SHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, n. 2, p. 479-501, 1999.